

copyright © Marie José Paz

copyright © desta edição, Bazar do Tempo, 2017

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Edição: Ana Cecília Impelizeri Martins

ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO: Eduardo Jardim

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Maria de Andrade

Revisão: Kathia Ferreira

PROJETO GRÁFICO: estúdio \o/ malabares - Julieta Sobral e Ana Dias

P348 Paz, Octavio. 1914-1998.

A busca do presente e outros ensaios. /

Organização e tradução de Eduardo Jardim.

Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2017.

104p. : 12,5 x 18,5 cm. (Coleção Ensaios contemporâneos)

ISBN: 978-85-69924-19-7

1. Literatura mexicana -- Ensaios e conferências. 2. Modernismo. 3.
Surrealismo. 4. Poesia. I. Jardim, Eduardo (Org.). II. Título. III. Série.

CDD 860.9

CDU 821.134.2(72)



BAZAR DO TEMPO

Produções e Empreendimentos Culturais Ltda.

Rua Alexandre Stockler 353, Gávea

22451-230, Rio de Janeiro, RJ

contato@bazardotempo.com.br / www.bazardotempo.com.br

NOTA INTRODUTÓRIA 7

POESIA DE SOLIDÃO E POESIA DE COMUNHÃO 11

ESTRELA DE TRÊS PONTAS: O SURREALISMO 39

A BUSCA DO PRESENTE 67

NOTA BIBLIOGRÁFICA 93

OBRAS DE OCTAVIO PAZ NO BRASIL 98

Começo com uma palavra que todos os homens proferiram, desde que o homem é homem: *gracias*.² É uma palavra que tem equivalentes em todas as línguas. E em todas é rica a gama de significados. Nas línguas latinas, vai do espiritual ao físico, da graça que Deus concede aos homens para salvá-lo do erro e da morte à graça corporal da jovem que dança ou à do felino que salta na floresta. Graça é perdão, indulto, favor, benefício, nome, inspiração, felicidade no estilo de falar ou de pintar, gesto que revela as boas maneiras e, enfim, ato que expressa bondade de alma. A graça

.....
1 *La búsqueda del presente* é o discurso proferido ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em Estocolmo, em 8 de dezembro de 1990. N. do T.: A tradução para o presente livro foi estabelecida a partir Octavio Paz, *Discours de Stockholm. La quête du présent*. Paris: Gallimard, ed. bilingue, 1991, p. 38-64.

2 N. do T.: Preferiu-se manter a expressão *gracias* e não a tradução "obrigado", já que em espanhol são contemplados os vários sentidos referidos por Octavio Paz neste texto.

é gratuita, é um dom; aquele que a recebe, o agraciado, se não for um malnascido, agradece: dá graças. É o que faço agora com estas palavras de pouco peso. Espero que minha emoção compense sua leveza. Se cada uma fosse uma gota de água, os senhores poderiam ver, através delas, o que sinto: gratidão, reconhecimento. E também uma indefinível mistura de temor, respeito e surpresa ao ver-me diante dos senhores, neste recinto que é, simultaneamente, o lugar das letras suecas e a casa da literatura universal.

As línguas são realidades mais vastas que as entidades políticas e históricas que chamamos de nações. Um exemplo disso são as línguas europeias que falamos na América. A situação peculiar de nossas literaturas diante da literatura da Inglaterra, da Espanha, de Portugal e da França depende precisamente deste fato básico: são literaturas escritas em línguas transplantadas. As línguas nascem e crescem em um solo; alimenta-as uma história comum. Arrancadas de seu solo natal e de sua tradição, plantadas em um mundo desconhecido e a se nomear, as línguas europeias enraizaram-se nas terras novas, cresceram com as sociedades americanas e se transformaram. São a mesma planta e são uma planta distinta. Nossas literaturas não viveram passivamente as

vicissitudes das línguas transplantadas: participaram do processo e o apressaram. Logo deixaram de ser meros reflexos transatlânticos; algumas vezes, foram a negação das literaturas europeias e outras, com mais frequência, sua réplica.

Apesar desses vaivéns, a relação nunca se rompeu. Meus clássicos são os da minha língua e sinto-me descendente de Lope e de Quevedo como qualquer escritor espanhol... porém, não sou espanhol. Creio que o mesmo poderia dizer a maioria dos escritores hispano-americanos e também os dos Estados Unidos, do Brasil e do Canadá diante da tradição inglesa, portuguesa e francesa. Para entender mais claramente a peculiar posição dos escritores americanos, basta pensar no diálogo que mantém o escritor japonês, chinês ou árabe com esta ou aquela literatura europeia: é um diálogo através de línguas e civilizações distintas. De modo diverso, nosso diálogo se realiza no interior da mesma língua. Somos e não somos europeus. Que somos, então? É difícil definir o que somos, mas nossas obras falam por nós.

A grande novidade deste século, em matéria literária, foi o aparecimento das literaturas da América. Primeiro surgiu a anglo-americana e, depois, na

segunda metade do século XX, a da América Latina em seus grandes ramos, a hispano-americana e a brasileira. Ainda que muito diferentes, as três literaturas têm um traço em comum: a luta, mais ideológica que literária, entre as tendências cosmopolitas e as nativistas, o europeísmo e o americanismo. Que ficou dessa disputa? As polémicas se dissipam; ficam as obras. Além dessa semelhança geral, as diferenças entre as três são numerosas e profundas. Uma é de ordem histórica mais do que literária: o desenvolvimento da literatura anglo-americana coincide com a ascensão histórica dos Estados Unidos como potência mundial; o da nossa com as desventuras e convulsões políticas e sociais de nossos povos. Nova prova dos limites dos determinismos sociais e históricos; os crepúsculos dos impérios e as perturbações das sociedades coexistem por vezes com obras e momentos de esplendor nas artes e nas letras: Li-Po e Tu Fu foram testemunhas da queda dos Tang; Velásquez foi o pintor de Felipe IV; Sêneca e Lucano foram contemporâneos e vítimas de Nero. Outras diferenças são de ordem literária e se referem mais às obras em particular do que ao caráter de cada literatura. E as literaturas têm caráter, possuem um conjunto de traços comuns que as distingue umas das outras? Não

creio. Uma literatura não se define por um quimérico, inacessível caráter. É uma sociedade de obras únicas unidas por relações de oposição e afinidade.

A primeira e básica diferença entre a literatura latino-americana e a anglo-americana reside na diversidade de suas origens. Uns e outros começamos por ser uma projeção europeia. Eles, de uma ilha, e nós, de uma península. Duas regiões excêntricas pela geografia, a história e a cultura. Eles vêm da Inglaterra e da Reforma; nós, da Espanha, de Portugal e da Contrarreforma. Nem preciso mencionar, no caso dos hispano-americanos, o que distingue a Espanha das outras nações europeias e lhe outorga uma notável e original fisionomia histórica. A Espanha não é menos excêntrica que a Inglaterra, ainda que de forma distinta. A excentricidade inglesa é insular e se caracteriza pelo isolamento: uma excentricidade por exclusão. A hispânica é peninsular e consiste na coexistência de diferentes civilizações e passados: uma excentricidade por inclusão. No que seria a Espanha católica, os visigodos professaram a heresia de Arriano, para não falar dos séculos de dominação da civilização árabe, da influência do pensamento judaico, da Reconquista e de outras peculiaridades.

Na América, a excentricidade hispânica se reproduz e se multiplica, sobretudo nos países com antigas e brilhantes civilizações, como México e Peru. Os espanhóis encontraram no México não só uma geografia, como também uma história. Essa história está viva ainda: não é um passado mas um presente. O México pré-colombiano, com seus templos e seus deuses, é um montão de ruínas, contudo o espírito que animou este mundo não morreu. Fala-nos na linguagem cifrada dos mitos, das lendas, das formas de convivência, das artes populares, dos costumes. Ser escritor mexicano significa ouvir o que nos diz esse presente, essa presença. Ouvi-la, falar com ela, decifrá-la: dizê-la. Talvez depois desta breve digressão seja possível entrever a estranha relação que, ao mesmo tempo, nos une e separa da tradição europeia.

A consciência da separação é uma nota constante de nossa história espiritual. Às vezes sentimos a separação como uma ferida e então ela se transforma em cisão interna, consciência desgarrada que nos convida ao exame de nós mesmos; outras vezes aparece como um desafio, espora que nos incita à ação, a sair ao encontro dos outros e do mundo. Claro, o sentimento da separação é universal e não é privativo

dos hispano-americanos. Nasce no momento mesmo de nosso nascimento: desprendidos do todo, caímos em um solo estranho. Essa experiência se converte em uma chaga que nunca cicatriza. É o fundo insondável de cada homem; todos os nossos empreendimentos e ações, tudo o que fazemos e tudo aquilo com que sonhamos são pontes para romper a separação e nos unir ao mundo e aos nossos semelhantes. Nessa perspectiva, a vida de cada homem e a história coletiva dos homens podem ser vistas como tentativas destinadas a reconstruir a situação original. Inacabada e inacabável cura da cisão. Mas não me proponho a fazer outra descrição, mais uma, desse sentimento. Sublinho que entre nós ele se manifesta sobretudo em termos históricos. Assim, converte-se em consciência de nossa história. Quando e como aparece esse sentimento e como se transforma em consciência? A resposta a essa dupla pergunta pode consistir em uma teoria ou em um testemunho pessoal. Prefiro o segundo: há muitas teorias e nenhuma confiável de todo.

O sentimento de separação se confunde com minhas recordações mais antigas e confusas: com o primeiro choro, com o primeiro medo. Como todas as crianças, construí pontes imaginárias e afetivas que me uniam ao

mundo e aos outros. Vivia em um povoado nos arredores da cidade do México, em uma velha casa arruinada, com um jardim selvagem e um grande quarto cheio de livros. Primeiros jogos, primeiras aprendizagens. O jardim se converteu no centro do mundo e a biblioteca, em caverna encantada. Lia e brincava com meus primos e meus companheiros de escola. Havia uma figueira, templo vegetal, quatro pinheiros, três freixos, uma maravilha, uma romãzeira, ervas, plantas espinhosas que produziam arranhões violeta. Muros de tijolo. O tempo era elástico. O espaço, giratório. Melhor dizendo: todos os tempos, reais ou imaginários, eram *agora mesmo*; o espaço, por sua vez, se transformava sem parar: lá era aqui; tudo era aqui: um vale, uma montanha, um país distante, o pátio dos vizinhos. Os livros de figuras, particularmente os de história, folheados com avidez, nos proviam de imagens: desertos e selvas, palácios e cabanas, guerreiros e princesas, mendigos e monarcas. Naufragamos com Simbad e com Robinson, nos batemos com d'Artagnan, tomamos Valência com Cid. Como teria gostado de ficar para sempre na ilha de Calipso! No verão a figueira balançava todos os seus ramos como se fossem as velas de uma caravela ou de um barco pirata; do alto mastro, batido pelo vento, descobri

ilhas e continentes, terras que, logo que eram pisadas, desapareciam. O mundo era ilimitado e, não obstante, sempre ao alcance da mão; o tempo era uma substância maleável e um presente sem fissuras.

Quando se rompeu o encanto? Não de repente: pouco a pouco. Dá trabalho aceitar que o amigo nos trai, que a mulher querida nos engana, que a ideia libertária é a máscara do tirano. O que se chama "se dar conta" é um processo lento e sinuoso porque nós mesmos somos cúmplices de nossos erros e enganos. Porém, posso lembrar com certa clareza de um incidente que, mesmo logo esquecido, foi o primeiro sinal. Teria uns seis anos e uma de minhas primas, um pouco mais velha que eu, mostrou-me uma revista norte-americana com uma fotografia de soldados desfilando por uma grande avenida, provavelmente de Nova York. "Voltam da guerra", me disse. Essas poucas palavras me perturbaram como se anunciassem o fim do mundo ou a segunda vinda de Cristo. Sabia vagamente que lá longe, uns anos antes, havia terminado uma guerra e que os soldados desfilavam para celebrar sua vitória; para mim, aquela guerra tinha se passado em outro tempo, não *agora nem aqui*. A foto me desmentia. Senti-me, literalmente, desalojado do presente.

Desde então o tempo começou a se fraturar mais e mais. E o espaço, em múltiplos espaços. A experiência se repetiu uma e outra vez. Uma notícia qualquer, uma frase anódina, a manchete de um jornal, uma canção na moda: provas da existência do mundo de fora e revelações da minha irrealidade. Senti que o mundo se cindia: eu não estava no presente. Meu agora se desagregara: o verdadeiro tempo estava em outro lugar. Meu tempo, o tempo do jardim, a figueira, os jogos com os amigos, a sonolência sob o sol das três horas da tarde entre as ervas, o figo entreaberto — negro e avermelhado como uma brasa, mas uma brasa doce e fresca —, era um tempo fictício. Apesar do testemunho dos meus sentidos, o tempo de lá, o dos outros, era o verdadeiro, o tempo do presente real. Aceitei o inaceitável: tornei-me adulto. Assim começou minha expulsão do presente.

Dizer que fomos expulsos do presente pode parecer um paradoxo. Não: é uma experiência que todos sentimos alguma vez; alguns a viveram primeiro como uma condenação, depois transformada em consciência e ação. A busca do presente não é a busca do éden terrestre nem da eternidade sem datas: é a busca da realidade real. Para nós, hispano-americanos, esse presente real não estava em nossos países: era o tempo que os

outros viviam, os ingleses, os franceses, os alemães. O tempo de Nova York, Paris, Londres. Era preciso sair em sua busca e trazê-lo para nossas terras. Esses anos foram também os da minha descoberta da literatura. Comecei a escrever poemas. Não sabia o que me levava a escrevê-los: era movido por uma necessidade interior dificilmente definível. Só agora compreendi que entre o que chamei de minha expulsão do presente e o fato de escrever poemas havia uma relação secreta. A poesia é enamorada do instante e quer revivê-lo em um poema; aparta-o da sucessão e o converte em presente fixo. Mas naquela época eu escrevia sem perguntar por que o fazia. Buscava a porta de entrada para o presente; queria ser do meu tempo e do meu século. Um pouco depois essa obsessão se tornou ideia fixa: quis ser um poeta moderno. Começou minha busca da modernidade.

Que é a modernidade? Antes de tudo, é um termo equívoco: há tantas modernidades quanto sociedades. Cada uma tem a sua. Seu significado é incerto e arbitrário, como o do período que a precede, a Idade Média. Se somos modernos diante do medievo, seremos por acaso a Idade Média de uma futura modernidade? Um nome que muda com o tempo é um verdadeiro nome? A modernidade é uma palavra em busca de

seu significado: é uma ideia, uma miragem, ou um momento da história? Somos filhos da modernidade ou ela é nossa criação? Ninguém sabe com ciência exata. Pouco importa: nós a seguimos, a perseguimos. Para mim, naqueles anos, a modernidade se confundia com o presente ou, melhor, o produzia: o presente era sua flor extrema e última. Meu caso não é único nem excepcional: todos os poetas de nossa época, desde o período simbolista, fascinados por essa figura ao mesmo tempo magnética e elusiva, correram atrás dela. O primeiro foi Baudelaire. O primeiro também que logrou tocá-la e assim descobrir que não é senão tempo que se desfaz entre as mãos. Não me referirei às minhas aventuras na perseguição da modernidade: são as de quase todos os poetas de nosso século. A modernidade foi uma paixão universal. Desde 1850 tem sido nossa deusa e nosso demônio. Nos últimos anos pretendeu-se exorcizá-la e fala-se muito da "pós-modernidade". Mas não será a pós-modernidade apenas uma modernidade ainda mais moderna?

Para nós, latino-americanos, a busca da modernidade poética tem um paralelo histórico nas repetidas e diversas tentativas de modernização de nossas nações. É uma tendência que nasceu no final do século XVIII e

abarcou a própria Espanha. Os Estados Unidos nasceram com a modernidade e já por volta de 1830, como observou Tocqueville, eram a matriz do futuro; nós nascemos no momento em que Espanha e Portugal se distanciavam da modernidade. Daí que às vezes se faliasse em "europeizar" nossos países: o moderno estava fora e tínhamos que importá-lo. Na história do México o processo começou um pouco antes das guerras de Independência; mais tarde, se converteu em um grande debate ideológico e político que dividiu e apaixonou os mexicanos durante o século XIX. Um episódio pôs em questão não tanto a legitimidade do projeto reformador mas a maneira pela qual se tentou realizá-lo: a Revolução Mexicana. Diferentemente de outras revoluções do século XX, a do México não foi tanto a expressão de uma ideologia mais ou menos utópica, foi mais a explosão de uma realidade histórica e psíquica oprimida. Não foi a obra de um grupo de ideólogos decididos a implantar princípios derivados de uma teoria política; foi uma agitação popular que pôs às claras o que estava escondido. Por isso mesmo foi, tanto ou mais que uma revolução, uma revelação. O México buscava o presente fora e o encontrou dentro, enterrado mas vivo. A busca da modernidade nos levou a descobrir nossa antiguidade,

o rosto oculto da nação. Inesperada lição de história que não sei se todos aprenderam: entre tradição e modernidade há uma ponte. Isoladas, as tradições se petrificam e as modernidades se volatilizam; reunidas, uma anima a outra e a outra responde dando-lhe peso e gravidade.

Abusca da modernidade poética foi uma verdadeira *quête*, no sentido alegórico e cavalheiresco que essa palavra tinha no século XII. Não resgatei nenhum Graal, ainda que tenha percorrido várias *waste lands*, visitado castelos de espelhos e acampado entre tribos fantasmáticas. Mas descobri a tradição moderna. Porque a modernidade não é uma escola poética e sim uma linhagem, uma família dispersa em vários continentes e que por dois séculos sobreviveu a muitas vicissitudes e desditas: a indiferença pública, a solidão e os tribunais das ortodoxias religiosas, políticas, acadêmicas e sexuais. Ser uma tradição e não uma doutrina permitiu-lhe, simultaneamente, permanecer e mudar. Também deu-lhe diversidade: a aventura poética é distinta e cada poeta plantou uma árvore diferente nesse prodigioso bosque falante. Se as obras são diversas e os caminhos distintos, o que une todos esses poetas? Não uma estética, mas a busca. Minha busca não foi quimérica, ainda que

a ideia de modernidade seja uma miragem, um feixe de reflexos. Um dia descobri que não avançava e que voltava ao ponto de partida: a busca da modernidade era uma descida às origens. A modernidade me conduziu ao meu começo, à minha antiguidade. A ruptura se tornou reconciliação. Soube, assim, que o poeta é uma pulsação no rio das gerações.

*

A ideia de modernidade é um subproduto da concepção da história como um processo sucessivo, linear e irrepetível. Ainda que suas origens estejam no judeu-cristianismo, é uma ruptura com a doutrina cristã. O cristianismo deslocou o tempo cíclico dos pagãos: a história não se repete, teve um princípio e terá um fim; o tempo sucessivo foi o tempo profano da história, teatro das ações dos homens depois da queda, mas submetidos ao tempo sagrado, sem princípio nem fim. Depois do Juízo Final, tanto no céu quanto no inferno, não haverá futuro. Na Eternidade nada sucede, porque tudo é. Triunfo do ser sobre o devir. O tempo novo, o nosso, é linear como o cristão, porém aberto para o infinito e sem referência à Eternidade. Nosso

tempo é o da história profana. Tempo irreversível e perpetuamente inacabado, em marcha não para seu fim mas para o futuro. O sol da história se chama futuro e o nome do movimento para o futuro é Progresso.

Para o cristão, o mundo — ou como se dizia antes: o *século*, a vida terrena — é um lugar de prova: as almas se perdem ou se salvam neste mundo. Para a nova concepção, o sujeito histórico não é a alma individual e sim o gênero humano, algumas vezes concebido como um todo e outras através de um grupo escolhido que o representa: as nações adiantadas do Ocidente, o proletariado, a raça branca ou qualquer outro ente. A tradição filosófica pagã e cristã tinha exaltado o ser, plenitude preenchida, perfeição que não muda nunca; nós adoramos a Mudança, motor do progresso e modelo de nossas sociedades. A Mudança tem dois modos privilegiados de manifestação: a evolução e a revolução, o trote e o salto. A modernidade é a ponta do movimento histórico, a encarnação da evolução ou da revolução, as duas caras do progresso. Por último, o progresso se realiza graças à dupla ação da ciência e da técnica, aplicadas ao domínio da natureza e à utilização de seus recursos.

O homem moderno se definiu como um ser histórico. Outras sociedades preferiram definir-se por valores e ideias diferentes da mudança: os gregos veneravam a Pólis e o círculo, entretanto ignoraram o progresso; Sêneca prezava, como todos os estoicos, o eterno retorno; Santo Agostinho acreditava que o fim do mundo era iminente; São Tomás construiu uma escala — os graus do ser — da criatura ao Criador, e assim sucessivamente. Uma após outra essas ideias e crenças foram abandonadas. Parece-me que começa a ocorrer o mesmo com a ideia de Progresso e, por consequência, com nossa visão do tempo, da história e de nós mesmos. Assistimos ao crepúsculo do futuro. O declínio da ideia de modernidade e a voga de uma noção tão duvidosa como "pós-modernidade" não são fenômenos que afetem unicamente as artes e a literatura: vivemos a crise das ideias e crenças básicas que moveram os homens há mais de dois séculos. Em outras ocasiões referi-me mais longamente ao tema. Aqui só posso fazer um brevíssimo resumo.

Em primeiro lugar: está posta em questão a concepção de um processo aberto para o infinito e sinônimo de progresso contínuo. Devo mencionar

apenas o que todos sabemos: os recursos naturais são finitos e um dia acabarão. Além disso, causamos danos talvez irreparáveis ao meio natural e a própria espécie está ameaçada. Por outro lado, os instrumentos do progresso — a ciência e a técnica — mostraram com terrível clareza que podem se converter facilmente em agentes de destruição. Finalmente, a existência de armas nucleares é uma refutação da ideia de progresso inerente à história. Uma refutação, acrescento, a que não se pode deixar de chamar de devastadora.

Em segundo lugar: o destino do sujeito histórico, quer dizer, da coletividade humana, no século XX. Muito poucas vezes os povos e os indivíduos sofreram tanto: duas guerras mundiais, despotismos nos cinco continentes, a bomba atômica e, por fim, a multiplicação de uma das instituições mais cruéis e mortíferas que os homens conheceram: o campo de concentração. Os benefícios da técnica moderna são incontáveis, mas é impossível fechar os olhos para as matanças, torturas, humilhações, degradações que milhões de inocentes sofreram no nosso século.

Em terceiro lugar: a crença no progresso necessário. Para nossos avós e nossos pais as ruínas da história — cadáveres, campos de batalha desolados, cidades

demolidas — não negavam a bondade essencial do processo histórico. Os cadafalsos e as tiranias, as guerras e a barbárie das lutas civis eram o preço do progresso, o resgate de sangue que havia de se pagar ao deus da história. Um deus? Sim, a razão mesma, divinizada e rica em cruéis astúcias, segundo Hegel. A suposta racionalidade da história se evaporou. No próprio domínio da ordem, regularidade e coerência — nas ciências exatas e na física — reapareceram velhas noções de acidente e de catástrofe. Inquietante ressurreição que me faz pensar nos terrores do Ano Mil e na angústia dos astecas ao fim de cada ciclo cósmico.

E, para terminar essa apressada enumeração: a ruína de todas as hipóteses filosóficas e históricas que pretendiam conhecer as leis do desenvolvimento histórico. Seus crentes, confiantes de que eram donos das chaves da história, edificaram poderosos Estados sobre pirâmides de cadáveres. Essas orgulhosas construções, destinadas em teoria a libertar os homens, logo converteram-se em cárceres gigantescos. Hoje as vemos cair; puseram-nas abaixo não os inimigos ideológicos e sim o cansaço e o afã libertário das novas gerações. Fim das utopias? Melhor: fim da ideia da história como um nómeno cujo desenvolvimento é conhecido de antemão.

O determinismo histórico foi uma custosa e sangrenta fantasia. A história é imprevisível porque seu agente, o homem, é a indeterminação em pessoa.

Essa pequena revisão mostra que, muito provavelmente, estamos no fim de um período histórico e no começo de outro. Fim ou mutação da Idade Moderna? É difícil sabê-lo. De todo modo, a derrubada das utopias deixou um grande vazio, não nos países nos quais essa ideologia foi experimentada e falhou, mas naqueles em que muitos a abraçaram com entusiasmo e esperança. Pela primeira vez na história, os homens vivem em uma espécie de intempérie espiritual e não, como antes, à sombra desses sistemas religiosos e políticos que, simultaneamente, nos oprimiam e nos consolavam. As sociedades são históricas, porém todas viveram guidadas e inspiradas por um conjunto de crenças e ideias meta-históricas. A nossa é a primeira a estar prestes a viver sem uma doutrina meta-histórica; nossos absolutos — religiosos ou filosóficos, éticos ou estéticos — não são coletivos mas privados. A experiência é arriscada. É impossível saber se as tensões e os conflitos dessa privatização de ideias, práticas e crenças que tradicionalmente pertenciam à vida pública não terminará por

abater a máquina social. Os homens poderiam ser possuídos novamente pelas antigas fúrias religiosas e pelos fanatismos nacionalistas. Seria terrível que a queda do ídolo abstrato da ideologia anunciasse a ressurreição das paixões enterradas das tribos, seitas e igrejas. Infelizmente, os sinais são inquietantes.

O declínio das ideologias que chamei de meta-históricas, isto é, que atribuem um fim e uma direção à história, implica o tácito abandono de soluções globais. Inclino-nos mais e mais, com razão, para remédios limitados a resolver problemas concretos. É prudente abster-se de legislar sobre o futuro. Mas o presente requer não apenas atender às suas necessidades imediatas: também nos pede uma reflexão global e mais rigorosa. Desde muito tempo acreditado, e acreditado firmemente, que o ocaso do futuro anuncia o advento do hoje. Pensar o hoje significa, antes de tudo, recuperar a visão crítica. Por exemplo, o triunfo da economia de mercado — um triunfo por *default* do adversário — não pode ser unicamente motivo de regozijo. O mercado é um mecanismo eficaz, mas, como todos os mecanismos, não tem consciência e tampouco misericórdia. É preciso encontrar a maneira de inseri-lo na sociedade para

que seja a expressão do pacto social e um instrumento de justiça e equidade. As sociedades democráticas desenvolvidas alcançaram uma prosperidade invejável, contudo são igualmente ilhas de abundância no oceano da miséria universal. O tema do mercado tem uma relação muito estreita com a deterioração do meio ambiente. A contaminação não apenas infesta o ar, os rios e os bosques, como também as almas. Uma sociedade possuída pelo frenesi de produzir mais para consumir mais tende a converter as ideias, os sentimentos, a arte, o amor, a amizade e as próprias pessoas em objetos de consumo. Tudo se torna coisa que se compra, se usa e se joga no lixo. Nenhuma sociedade produziu tantos dejetos como a nossa. Dejetos materiais e morais.

A reflexão sobre o agora não implica renúncia ao futuro nem esquecimento do passado: o presente é o lugar de encontro dos três tempos. Tampouco pode confundir-se com um hedonismo fácil. A árvore do prazer não cresce no passado ou no futuro mas no agora mesmo. Também a morte é um fruto do presente. Não podemos rechaçá-la: é parte da vida. Viver bem exige morrer bem. Temos que aprender a olhar a morte de frente. Alternativamente luminoso e sombrio, o

presente é uma esfera onde se unem as duas metades, a ação e a contemplação. Assim como tivemos filosofias do passado e do futuro, da eternidade e do nada, amanhã teremos uma filosofia do presente. A experiência poética pode ser uma de suas bases. Que sabemos do presente? Nada ou quase nada. Mas os poetas sabem algo: o presente é o manancial das presenças.

Em minha peregrinação em busca da modernidade me perdi e me encontrei muitas vezes. Voltei à minha origem e descobri que a modernidade não está fora, e sim dentro de nós. É hoje e é a antiguidade mais antiga, é amanhã e é o começo do mundo, tem mil anos e acaba de nascer. Fala em náuatle, traça ideogramas chineses do século IX e aparece na tela da televisão. Presente intacto, recém-desenterrado, que sacode o pó dos séculos, sorri e, de repente, põe-se a voar e desaparece pela janela. Simultaneidade de tempos e de presenças: a modernidade rompe com o passado imediato para logo resgatar o passado milenar e converter uma figurinha de fertilidade do Neolítico em nossa contemporânea. Perseguiamos a modernidade em suas incessantes metamorfoses e nunca conseguimos pegá-la. Escapa sempre: cada encontro é uma fuga. Abraçamo-la e logo

Octávio Paz

ela se dissipa: era só um pouco de ar. É o instante, esse pássaro que está em toda parte e em nenhuma. Queremos pegá-lo vivo mas ele abre as asas e se desvanece, tornado um punhado de sílabas. Ficamos de mãos vazias. Então as portas da percepção se entreabrem e aparece o *outro tempo*, o verdadeiro, o que buscávamos sem saber: o presente, a presença.



NOTA BIBLIOGRÁFICA